

# O LIRISMO CRÍTICO E A RELEITURA NOS ENSAIOS DE JEAN-MICHEL MAULPOIX DA OBRA DE CHARLES BAUDELAIRE

Erica MILANEZE\*

- **RESUMO:** No contexto da poesia francesa contemporânea, o lirismo crítico começa a se formar a partir do final do século XX como uma reação às tendências experimentais das vanguardas dos anos 1960 e 1970, reintroduzindo a expressão subjetiva aliada ao questionamento crítico. Considerado o grande animador e defensor dessa vertente poética na França, o poeta Jean-Michel Maulpoix constrói ao longo de seus diversos ensaios uma reflexão acerca do lirismo desde sua gênese, passando pela Modernidade até os dias atuais, a fim de discutir o processo de formação e as características do lirismo crítico. Ao analisar alguns ensaios de Maulpoix, como *Du lyrisme* e *Pour un lyrisme critique*, dentre outros, percebe-se que o lirismo crítico tende a encontrar na modernidade poética, particularmente na obra de Charles Baudelaire, as bases para sua constituição. Este artigo pretende traçar a relação que o lirismo crítico estabelece com a modernidade poética de Charles Baudelaire, por meio da análise efetuada por Jean-Michel Maulpoix em seus ensaios críticos de alguns aspectos das obras do poeta moderno.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Poesia. Lirismo. Literatura francesa. Literatura contemporânea. Modernidade poética. Jean-Michel Maulpoix. Charles Baudelaire.

Por volta do início dos anos de 1980 começa uma transformação no cenário da poesia francesa em razão da recuperação do lirismo, legado para segundo plano com a predominância das neovanguardas dos anos 1960 e 1970, voltadas para a literalidade e a experimentação. Como reação a essa poesia objetiva produzida pelas vanguardas textualistas, formalistas e pela “modernidade negativa”, o chamado “*nouveau lyrisme*” ou “*lyrisme critique*” reintroduz o gosto pela subjetividade, pelas emoções, pela criação de imagens e pelo canto. No entanto, essa nova forma de expressão lírica não se compraz no *pathos* e na exaltação da idealização, mas se faz por meio do questionamento e da crítica, tal qual se observa nas obras de Jean-Pierre Lemaire, Jean-Claude Pinson, Jean-Michel Maulpoix, James Sacré e Jacques Réda, alguns dos iniciadores dessa tendência no contexto literário francês: “*Élevant*

---

\* UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. Departamento de Teoria Literária. Bolsista Fapesp pós-doutoranda em Teoria e História Literária. Campinas – SP – Brasil. 13083-859. erica.milaneze@gmail.com

*peu la voix, ou la faisant trébucher, c'est un travail articulatoire que ces auteurs poursuivent, soucieux de faire paraître le peu de beauté ou de sens que la parole poétique est à même d'appréhender dans le grand vide de l'époque"* (MAULPOIX, 2009, p.89). De fato, o lirismo crítico se coloca como uma escritura crítica que tenta apreender o extremo contemporâneo com os déficits e as fraturas da sociedade pós-industrial, tornando o poema um lugar e um objeto crítico. De acordo com Jean-Michel Maulpoix (2009, p. 13-4), o lirismo crítico se define como uma escritura lírica que incorpora o

*[...] geste réflexif inhérent à l'écriture même, telle qu'elle invente, analyse et réfracte. La critique trouve refuge là où elle prend naissance: dans l'incessante relecture que fait l'écrivain de ce texte qu'il devient, dans cette surveillance où il tient ses abandons, ses impulsions ou ses impuissances. [...] Une espèce d'ultime lieu critique, tel pourrait être le poème, en ce soin qu'il continue de prendre de la langue: scène et souci, timbre et tenue, accident et contenance.*

Grande divulgador e teórico do lirismo crítico, o poeta Jean-Michel Maulpoix foi construindo nos últimos trinta anos em seus vários ensaios uma reflexão acerca do lirismo, desde sua gênese nas formas fixas até o lirismo crítico contemporâneo, questionamento que acaba por se inserir em sua extensa criação poética, que abriga tanto no aspecto temático quanto no formal a possibilidade de uma escritura subjetiva, disposta a cantar a beleza e o amor apesar das fraturas do contexto social do final do século XX e do início do século XXI, como atestam *Histoire du bleu* (1992), *L'instinct de ciel* (2000), *Chutes de pluie fine* (2002), *Pas sur la neige* (2004), entre outras. No ensaio *Pour un lyrisme critique*, Maulpoix (2009, p.31) afirma:

*Quand il se fait critique, le lyrisme cherche une justesse de voix, tout opposée aux excès du pathos et de l'emphase. [...] Il demeure en quête d'un accord et vise bien davantage qu'une improbable harmonie: ajuster d'aussi près que possible la limite et l'illimité dans l'entre-deux qui est le nôtre.*

O lirismo crítico se define como um oximoro em que o poeta procura dar uma voz e um canto à sua busca poética, o encontro da harmonia entre elementos aparentemente tão inconciliáveis, o lírico e o crítico, o infinito e o finito no fragmentado contexto dos dias atuais. O lirismo no extremo contemporâneo ocupa um lugar **entre**, onde sua experiência de linguagem extrema o faz reconhecer fronteiras comuns entre o real e o ideal, pois

*[...] s'il garde souvent au vers sa fidélité, c'est qu'il marche sur un fil, à la façon d'un équilibriste, entre les extrêmes. Et si, depuis Baudelaire, ces vers sont affectés d'une claudication, c'est que le poète boite entre terre et ciel, jamais résigné à tourner complètement le dos à l'idéal au nom de quelque vérité objective, même lorsqu'il sait que celui-ci est inaccessible ou perdu.*

*Sans cesse, il continue d'aller et de venir entre la chambre et la rue, la page et les vivants* (MAULPOIX, 2009, p. 32).

Como forma de caracterizar o lirismo crítico, Maulpoix o personifica na figura do equilibrista, a fim de esboçar o movimento de uma voz que se equilibra no ténue fio de sua linguagem, ao mesmo tempo lírica e questionadora. Além disso, lirismo e poeta também se assimilam como a voz e a expressão de um funâmbulo, ou melhor, do equilibrista que anda ou dança na corda bamba, o que determina o lirismo crítico como uma “*poétique du funambule*” (MAULPOIX, 2009, p.32). Cumpre salientar que Maulpoix aproxima nessa tentativa de definição do lirismo crítico o presente ao passado, ao trazer para seu discurso a presença de Charles Baudelaire, em seus dois aspectos, o do poeta e o do crítico da Modernidade, na medida em que o poeta/equilibrista contemporâneo “claudica” sob o fino fio de sua corda como o poeta/albatroz na proa do navio, no famoso poema “L’albatros”, de *Les fleurs du mal* (1857):

Souvent, pour s’amuser, les hommes d’équipage  
Prennent des **albatros**, vastes oiseaux des mers,  
[...]  
A peine **les ont-ils déposés sur les planches**,  
Que ces rois de l’azul, maladroits et honteux,  
Laissent piteusement leurs grandes ailes blanches  
Comme des avirons traîner à côté d’eux.  
[...]  
L’un agace son bec avec un brûle-gueule,  
**L’autre mime, en boitant, l’infirmes qui volait!**  
Le Poète est semblable au prince des nuées  
Qui hante la tempête et se rit de l’archer;  
**Exilé sur le sol au milieu des huées,**  
**Ses ailes de géant l’empêchent de marcher.**  
(BAUDELAIRE, 1991a, p. 61-62, grifo nosso).

Tal qual concebe Maulpoix em seus ensaios, o lirismo crítico se coloca, a meu ver, como uma forma de releitura da modernidade poética. De fato, Maulpoix (2006) confessa em uma entrevista: “*Pour ma part, je me perçois boiteux, infirmité typique de la modernité depuis L’Albatros de Baudelaire, claudicant entre mon époque et la tentation d’une retrait intemporelle dans la nature*”. Neste sentido, pretendo desnovelar alguns dos fios que ligam o lirismo crítico à modernidade poética de Charles Baudelaire a partir de alguns ensaios, onde o autor contemporâneo realiza uma releitura da obra do poeta moderno.

Convém destacar que ao participar do recente seminário “Pourquoi aimez-vous?”, em maio de 2012, no Salon Roger Blin do Théâtre de l’Odéon, em Paris,

Maulpoix escolhe responder a pergunta com a apresentação “Pourquoi aimez-vous Jean-Michel Maulpoix ‘Les Fleurs du Mal’ de Charles Baudelaire?”. Pode-se ouvir a voz do poeta recitar para o público alguns de seus poemas preferidos de Baudelaire e confessar que lê a obra do poeta desde a adolescência e que volta com frequência a seus versos para buscar novas lições de escritura (MAULPOIX, 2012). As referências a Baudelaire estão espalhadas pelos seus ensaios críticos, de *La voix d’Orphée* (1989) a *Pour un lyrisme critique* (2009), passando por *La poésie comme l’amour* (1998), *Du lyrisme* (2000), *Le poète perplexe* (2002), *Adieu au poème* (2005) e pelos trabalhos em que discute a obra de poetas como René Char, Henri Michaux, Jacques Réda etc., e também aparecem nas citações explícitas e implícitas no interior de seus textos poéticos. Todo esse interesse se justifica pelo fato de que, a meu ver, Maulpoix encontra na obra baudelaireana o primeiro esboço de uma linguagem lírica e crítica apta para traduzir as particularidades de um contexto cultural, político e social, marcado pelas grandes mudanças promovidas pelas inovações tecnológicas introduzidas na sociedade francesa da segunda metade do século XIX, assim como o lirismo crítico busca exprimir as condições atuais do ser humano, imerso em uma sociedade midiática, cada dia mais informatizada e consumista.

No ensaio *Du lyrisme*, Maulpoix (2000, p.77) intitula significativamente o capítulo que dedica ao estudo do lirismo moderno, “Le crépuscule Baudelaire”, em que o emprego do substantivo “crepúsculo” aliado ao nome próprio faz que Baudelaire seja o crepúsculo em si mesmo, palavra que remete a sentidos diferentes: ao momento de transição ou de mudança de um estado luminoso de intensidade decrescente para o anoitecer, e crescente para o amanhecer, e também à decadência, à ruína e ao declínio definitivo. Em seus versos, o lirismo deixa de ser a exteriorização de uma subjetividade inspirada e exaltada que aspira ao absoluto, isto é, nos versos de Baudelaire se esgota a aspiração lírica romântica, como diz o poema “*Le coucher du soleil romantique*”: “*Je me souviens ! ... J’ai vu tout, fleur, source, sillon, / Se pâmer sous son oeil comme un coeur qui palpite ... [...] Mais je poursuis en vain le Dieu qui se retire [...]*” (BAUDELAIRE, 1991a, p.190). No momento presente, o poeta se recorda de ter percebido a lenta estagnação do romantismo em razão dos excessos sentimentais dos românticos, mas ainda persegue mesmo inutilmente a aspiração pelo Ideal. No entanto, a referência ao “*coucher du soleil*” é ambígua, pois conduz ao sentido de pôr do sol, crepúsculo e também ao ato de dormir, ao recolhimento, que pode ser inclusive o do poeta em seu quarto para escrever seus versos, cena recorrente em Baudelaire, como veremos. O pôr do sol é o momento em que, no final da tarde, o sol deixa de estar visível de um determinado lugar do planeta, embora esteja “escondido” ou presente e visível em outro. Infere-se, então, por meio dessa expressão, que os ideais românticos não se extinguem por completo, mas permanecem, por assim dizer, “escondidos”,

“implícitos”, como o destino espiritual de uma geração, explica Maulpoix (2000, p.81), “*comme la brûlure d’une aspiration lyrique insatisfaite à l’infini, comme la source d’une mélancolie née de l’éloignement ou du retrait de l’Idéal. Moins sentimental qu’ontologique. Moins tributaire du coeur que de l’imaginaire et de l’esprit*”. Ora, depreende-se da leitura do autor contemporâneo que o lirismo passa por um processo de transformação, já identificado por Baudelaire em seu *Salon de 1859*, na segunda metade do século XIX, em que a ironia e a crítica substituem o *pathos*: “*miné et rehaussé tout à la fois par l’ironie, moins expressif que critique, le lyrisme s’en trouve changé, plus aigu, plus intense*” (MAULPOIX, 2000, p.81, grifo nosso). Mais crítico que expressivo e mais imaginário que sentimental, tal a forma que o lirismo adquire a partir de Baudelaire e que atua, a meu ver, como um ponto de apoio para o desenvolvimento paulatino do lirismo crítico contemporâneo, de acordo com as ideias de Maulpoix (2000, p. 89, grifos nossos): “*Baudelaire s’oppose à tout sentimentalisme. Il impose une nouvelle conscience critique à l’acte créateur. En résistant à l’effusion lyrique, il fait du lyrisme même un lieu critique*”.

Em decorrência disso, o crítico e poeta contemporâneo analisa, no ensaio *Le poète perplexe* (2002), a onipresença do motivo do coração na obra baudelaireana, de modo especial em “Spleen et idéal”, de *Les fleurs du mal*, onde apesar de figurativizar o tradicional foco do sentimento, torna-se o órgão do *spleen* e da melancolia, que é obscuramente revitalizado pela imaginação. Espaço interior de onde se irradiam os sentimentos do poeta e como consequência o lirismo romântico, o coração nos versos baudelaireanos se deixa penetrar pela melancolia e, lugar de sofrimento e de aspiração, transforma-se em “[...] *un carrefour où transitent et s’opposent des forces contraires. Métonymie du poète, centre et circulation, crypte et élévation, il est par excellence le siège du processus de concentration/vaporisation dont souffre le moi*” (MAULPOIX, 2002, p.106). O coração aparece, então, com um aspecto negativo no interior da lírica baudelaireana, sendo o “*coeur mangé*”, “*coeur prostitué*”, “*coeur vampirisé*”, “*coeur insensible*”, “*coeur profond comme un abîme*” e principalmente o “*coeur mis à nu*”, ou seja, um coração desnudado pelo pensamento e pela análise crítica, tentativa efetuada em *Mon coeur mis à nu* (1887). Segundo a argumentação do autor contemporâneo, a expressão “*le crépuscule Baudelaire*” denota o desaparecimento ou a decadência progressiva de uma certa poesia lírica, a lírica romântica, figurativizada pela imagem do coração, cedendo lugar à lírica moderna, expressa nos versos de *Les fleurs du mal*, do qual interessa destacar dois poemas que trazem a palavra “*crepúsculo*” em seu título: “*Le crépuscule du soir*” e “*Le crépuscule du matin*”.

Pertencentes ao *Tableaux parisiens*, parte de *Les fleurs du mal* onde Baudelaire se concentra no cenário urbano, “*Le crépuscule du soir*” e “*Le crépuscule du*

matin” mostram as transformações/transições que a moderna cidade de Paris sofre em consonância com as alternâncias entre o anoitecer e o amanhecer. Em “Le crépuscule du soir”, os operários voltam para casa cansados durante o anoitecer em busca de descanso, enquanto as prostitutas, os ladrões e os jogadores despertam para começar seus trabalhos:

*Voici le soir charmant, ami du criminel;  
Il vient comme un complice, à pas de loup; le ciel  
Se ferme lentement comme une grande alcôve,  
Et l'homme impatient se change en bête fauve.  
O soir, aimable soir, désiré par celui  
Dont les bras, sans mentir, peuvent dire: **Aujourd'hui  
Nous avons travaillé!***

[...]

*A travers les lueurs que tourmente le vent  
**La Prostitution** s'allume dans les rues;  
Comme une fourmilière elle ouvre ses issues;*

[...]

*On entend çà et là les cuisines siffler,  
Les théâtres glapir, les orchestres ronfler;  
Les tables d'hôte, dont le jeu fait les délices,  
**S'emplissent de catins et d'escrocs**, leur complices,  
**Et les voleurs**, qui n'ont ni trêve ni merci,  
**Vont bientôt commencer leur travail**, eux aussi,*

[...]

(BAUDELAIRE, 1991a, p. 138-9, grifos nossos).

Em oposição, no poema “Le crépuscule du matin”, a cidade desperta sonolenta ao amanhecer e com ela os trabalhadores que caminham de volta para seus empregos, enquanto as prostitutas, por sua vez, dormem um sono de luxúria:

*La diane chantait dans les cours des casernes,  
Et le vent du matin soufflait sur les lanternes.  
[...]  
Les maisons çà et là commençaient à fumer.  
Les femmes de plaisir, la paupière livide,  
Bouche ouverte, dormaient de leur sommeil stupide;*

[...]

***L'aurore grelottante en robe rose et verte  
S'avancé** lentement sur la Seine déserte,  
Et le sombre Paris, en se frottant les yeux,  
**Empoignait ses outils, viellard laborieux.***

(BAUDELAIRE, 1991a, p. 147, grifos nossos).

Esses poemas expõem o aspecto transitório que caracteriza a Modernidade como a define Baudelaire em *O pintor da vida moderna* (1863): “A modernidade é o transitório, o fugaz, o contingente, a metade da arte, cuja metade restante é eterna e imutável” (BAUDELAIRE, 1991b, p.109). É esse elemento efêmero que o poeta exterioriza quando encontra, em meio à grande cidade, uma misteriosa mulher de preto, cujo fugaz entrecruzar sente como um encontro com a própria Beleza, no soneto “À une passante”:

*La rue assourdissante autour de moi hurlait.  
Longue, mince, en grande deuil, douleur majestueuse,  
Une femme passa, d'une main fastueuse  
Soulevant, balançant le feston et l'ourlet;  
[...]  
Un éclair ...puis la nuit ! – Fugitive beauté  
Dont le regard m'a fait soudainement renaître,  
Ne te verrait-je plus que dans l'éternité ?  
[...]  
(BAUDELAIRE, 1991a, p. 137, grifos nossos).*

O crítico e poeta contemporâneo se detém, entretanto, em seus comentários acerca do absoluto transitório baudelaireano no poema em prosa “L'Étranger”: “*Qui aimes-tu le mieux, homme énigmatique, dis? ton père, ta mère, ta soeur ou ton frère? [...] – J'aime les nuages ... les nuages qui passent ... là-bas ... les merveilleux nuages!* » (BAUDELAIRE, 1998, p.27). O estrangeiro representa o homem sem laços, sem família, sem vínculos estáveis, que perambula com liberdade por vários espaços diferentes, mas que no texto baudelaireano ama, à semelhança do poeta, o fugaz e o inalcançável,

*[...] autant dire amour de rien d'autre que du mouvement même et de ses plus légères concrétions; amour, dans le présent, de ce qui s'en échappe, amour d'une aspiration indéfinie, merveilleuse en ce qu'elle allège, élève et dégage des «miasmes morbides» pour emporter dans les «espaces limpides»* (MAULPOIX, 1998, p. 70-71, grifo nosso).

Esse amor por uma aspiração indefinida ainda impulsiona, conforme o pensamento de Maulpoix (2002a, 2009), os poetas líricos-críticos a escreverem seus versos, porque pertencem à essência da própria poesia:

*«Instinct de ciel»: éperdument, le lyrisme, en nous, s'oriente vers autre chose. Il appelle, il aspire. «Fuir, là-bas fuir», semble-t-il répéter en vain. Mais il ne tourne pas pour autant le dos à ce monde-ci: il rend plus proche et plus sensible ce qui est, en le confrontant à ce qui n'est pas. Tel est le curieux savoir du poème: en y fréquentant l'impossible, on y prend la mesure du possible* (MAULPOIX, 2002b, p.356, grifos nossos).

Relendo o texto baudelairiano, Maulpoix (1998, p.69) esclarece ainda que “*la modernité, c’est le sujet pris dans l’histoire. L’homme qui naît, qui souffre et qui meurt [...]*”, ou seja, o homem inserido em seu contexto presente:

*[...] l’homme est sur la terre une créature en transit. Mais il lui appartient aussi, doué de langue articulé, de sentiments, d’intelligence et de sensations complexes, d’assurer quantité de transitions, d’être un lieu de passage autant qu’un passager, et de permettre notamment au fini de transiter dans l’écriture vers une apparence d’infini* (MAULPOIX, 2000, p.89).

Para o autor contemporâneo, o homem necessita assumir suas próprias mudanças e aquelas de seu tempo e contexto social, assim como o poeta deve expressar essas transformações em sua linguagem e em sua escritura, como o fez Baudelaire em sua época: “*Lyrique par excellence est cet effort articulatoire qui d’une vie fait une voix et qui voudrait faire coïncider autant que possible le mouvement de la plume et le pas de la destinée*” (MAULPOIX, 2000, p.89). Nesse sentido, a busca do Belo transitório acaba por transformar-se nos textos baudelairianos em um antídoto contra o tédio e a melancolia, causados pela vida na cidade moderna, onde o poeta está imerso nos sentimentos de mesmice e de repetição:

*«D’où vous vient, disiez-vous, cette tristesse étrange,  
Montant comme la mer sur le roc noir et nu?»  
Quand notre coeur a fait une fois sa vendange,  
**Vivre est un mal.** C’est un secret de tous connu,  
**Une douleur** très simples et non mystérieuse  
[...]  
(BAUDELAIRE, 1991a, p.89, grifos nossos).*

Além disso, o crítico contemporâneo percebe ainda que nos textos poéticos baudelairianos o poeta se retira, movido por esses sentimentos negativos, para a solidão de seu quarto, atitude presente inclusive em “Le crépuscule du soir” – “*Recueille-toi, mon âme, en ce grave moment,/ Et ferme ton oreille à ce rugissement. [...]*” (BAUDELAIRE, 1991a, p.139) – e em “Le crépuscule du matin”: “*L’air est plein du frisson des choses qui s’enfuient,/ Et l’homme est las d’écrire et la femme d’aimer. [...]*” (BAUDELAIRE, 1991a, p.147). Em seu ensaio *La poésie comme l’amour* e, mais tarde, em *Du lyrisme*, Maulpoix (1998, p.69-70) analisa essa atitude de recolhimento por parte do poeta, colocando-a como uma tentativa de elevação na ilusória busca pelo absoluto:

*Quand se retrouve, chez Baudelaire, ce mouvement d’élévation, c’est par excellence ou par défaut dans la solitude de la chambre, «à une heure du matin», lorsque l’artiste retranché loin de ses semblables endormis appelle*



*à lui la grâce de quelques beaux vers. Le reste du temps, la verticalité est barrée, étouffée d'un «couvercle», ou tout juste entrouverte par le parfum d'une chevelure dans laquelle s'enfouit le visage.*

A janela acaba por figurar o transitório ou a impossível transição, uma vez que o poeta não consegue ultrapassá-la, passar através, somente olhar o espaço exterior que se descortina diante de si: a janela é, conforme a leitura do poeta contemporâneo, um filtro ou uma tela transparente que impede o acesso direto ao real, podendo-se apenas “[...] *donner sur, donner sur l'autrui, donner sur le monde, donner sur l'Azul.* [...] *La transparence même fait écran*” (MAULPOIX, 1998, p.70). É o que diz o poeta baudelariano no poema em prosa “Les fenêtres”:

*Celui qui regarde du dehors à travers une fenêtre ouverte ne voit jamais autant de choses que celui qui regarde une fenêtre fermée. Il n'est pas d'objet plus profond, plus mystérieux, plus fécond, plus ténébreux, plus éblouissant qu'une fenêtre éclairée d'une chandelle. Ce qu'on peut voir au soleil est toujours moins intéressant que ce qui passe derrière une vitre. Dans ce trou noir lumineux vit la vie, rêve la vie, souffre la vie. Par-delà des vagues de toits, j'aperçois une femme mûre, ridée déjà, pauvre [...]. Et je me couche, fier d'avoir vécu et souffert dans d'autres que moi-même* (BAUDELAIRE, 1998, p.112).

A janela atua como um lugar de vidência que, apesar de bloquear o acesso direto do poeta ao Ideal, reenvia-lhe sua imagem como um espelho. Maulpoix constata, então, que a janela participa do processo de despersonalização e de pluralização do “eu” – “*elle devient ce ténébreux lieu de voyance où le 'je' vit et souffre dans d'autres que lui-même*” –, que acaba por projetar-se no “outro”, sendo a subjetividade o lugar “*où se recueillent les dépouilles de la vie d'autrui*” (MAULPOIX, 1998, p.70). Exemplos dessa projeção são observados no poema “Spleen”: “*Je suis un cimetièrre abhorré de la lune, / [...] Je suis un vieux boudoir plein de roses fanées [...]*” (BAUDELAIRE, 1991a, p.116 – grifos nossos). Tais constatações interessam a Maulpoix porque já mostram uma tentativa por parte do poeta de projetar sua subjetividade em direção ao “outro”, isto é, uma assimilação do “je” no “tu”, “il”, “nous”, “vous” etc., mecanismo que serve de apoio para a enunciação do “eu” no lirismo crítico contemporâneo. Na verdade, Maulpoix (2009, p.38-39) acredita que

*[...] la dépossession entre dans la définition du lyrisme, moins comme fatalité que comme ressource. Elle détermine aussi bien l'en allée du sujet – sa trajectoire errante vers d'improbables lointains, et son pas claudiquant – que sa capacité à se confondre avec quantité d'objets, à engranger pour la redistribuer ensuite la matière du monde.*

Como a verticalidade está bloqueada para o poeta, resta-lhe somente, de acordo com a releitura de Maulpoix (1998, p.69-73) dos textos baudelairianos, as relações horizontais entre o poeta e os transeuntes que cruzam seu caminho no seio da grande Paris, especialmente os excluídos pelas transformações econômicas, políticas e sociais, que conduziram à modernização urbana; por isso, as sensações despertadas pela descoberta dos marginalizados, os velhos, os mendigos, as viúvas, os pobres, os palhaços, os cães de rua etc. são incorporadas à sua imaginação para compor seus versos. Essas relações horizontais que se estabelecem entre as pessoas que se entrecruzam pelas ruas nos versos e nos poemas em prosa, segundo Maulpoix (1998, p.69), caracterizam também a concepção de Modernidade baudelairiana, que se pauta pela mobilidade e pela descontinuidade. Com efeito, Baudelaire pretendia intitular seus poemas em prosa de “*Le rôdeur parisien*”, porque “*cette créature urbaine autrement précaire et isolée, menaçante et menacée, traverse un univers d’artifice, se heurte à ses propres reflets, et ne peut rejoindre le giron d’aucune transcendance*” (MAULPOIX, 1998, p.72). A errância do “*rôdeur*” presente nos textos poéticos corresponde à atitude que o poeta atribui ao pintor Constantin Guys em *O pintor da vida moderna*, onde questiona:

*Assim vai, corre, procura. Que procura? Com toda certeza, esse homem, tal qual o pinte, esse solitário dotado de uma imaginação ativa, viajando sempre através ‘do grande deserto de homens’, tem um objetivo mais elevado do que o de um simples divagador, um objetivo mais geral, diferente do prazer fugaz da circunstância. Ele busca esse algo que nos permitirá chamar a ‘modernidade’, já que não se apresenta palavra melhor para expressar a ideia em questão* (BAUDELAIRE, 1991b, p.108-109, grifos nossos).

Essa mesma indagação é repetida por Maulpoix (2002, p.38) no título de um dos capítulos de “*Le poète perplexe*” – “*Que cherche-t-il?*” – e no capítulo “*Errances de Jacques Réda*” (MAULPOIX, 2009, p.191-202), pertencente ao ensaio *Pour un lyrisme critique*. Se para Baudelaire, o pintor da vida moderna, figura ao qual assimila a sua própria busca poética, perambula pela cidade “através do grande deserto dos homens” (BAUDELAIRE, 1991b, p.108) à procura do eterno transitório, Maulpoix (2002, p.73-74), por sua vez, questiona:

*[...] que reste-t-il aujourd’hui, pour nous autres, contemporains vivant au temps des mégapoles, des villes nouvelles et des cités-dortoirs, que reste-t-il des « plis sinueux des vieilles capitales » dont Mallarmé naguère saluait l’éclairage au gaz, « dispensateur moderne de l’extase ». Quelle poésie urbaine encore, et moderne toujours qui ne recycle pas d’anciens clichés ? L’espace de Baudelaire n’est plus le nôtre. Ou peut-être – protégés autant qu’illusionnés par nos lectures – l’avons-nous quitté sans vraiment nous en rendre compte. Cela, la poésie, qui a toujours un peu d’avance, le sait et le vérifie aujourd’hui.*

Ao estudar a obra de seu contemporâneo, o poeta lírico-crítico Jacques Réda, Maulpoix (2009, p.191) inquire novamente: “*Que reste-t-il? Telle serait plutôt la question que vient à présent nous poser Jacques Réda. Une fois usé ou épuisé le combat moral du spleen et de l’idéal qui pesait sur ‘Les Fleurs du mal’, les murs oppressants du ‘Spleen de Paris’ laissent place aux gravats des ‘Ruines de Paris’*”. Com efeito, a obra *Les ruines de Paris* (1977) se inicia com a constatação do poeta: “*Avançant comme deux glaneurs dans ces ruines aplaties de la rue de Belleville, nous ne cherchons rien, puis nous ramassons n’importe quoi, enfin des châssis de fenêtres peut-être bien inutilisables mais presque intacts. Nous ne cherchons rien [...]*” (RÉDA, 1977, p.18, grifos nossos). Ora, a rua por onde o poeta contemporâneo caminha não é a mesma por onde o poeta da época de Baudelaire perambulava, fazendo que não possa mais extrair das tensões e dissonâncias observadas em seu percurso a matéria de seus versos, devido ao esgotamento da Modernidade no contexto atual, em que a cidade acaba “*absorbée et défaite en mégapole, réseau, banlieues: la combinatoire et l’interconnexion y prenant le pas sur la dialectique, la saturation des signaux et la bousculade accélérée des corps y occultant la lisibilité des signes et des figures*” (MAULPOIX, 2002, p.77).

Na esteira baudelairiana, Maulpoix recupera a claudicação do poeta que consciente da ilusória busca pelo absoluto permanece “*ici-bas*” recorrendo a uma nova expressão lírica que baixa a voz e o tom, a fim de interrogar seu contexto sociocultural, sua escritura e sua linguagem:

*Critique est ce lyrisme qui creuse plus qu’il ne s’élève et qui interroge plus qu’il ne célèbre. Critique, cette écriture qui se retourne anxieusement sur elle-même au lieu de chanter dans l’insouciance. Mais lyrique cependant, puisque les questions qu’elle pose restent indissociables de l’émotion d’un sujet et de la circonstance vécue* (MAULPOIX, 2009, p.21).

De acordo com as ideias do autor contemporâneo, o poeta lírico-crítico caminha pelos espaços urbanos e naturais, fragmentando-se entre a sede pelo infinito e a realidade frustrante nas cidades contemporâneas, da solidão de seu quarto ao movimento das pessoas nas ruas agitadas, de modo a associar o trabalho poético à consciência crítica – como também fizera Baudelaire na segunda metade do século XIX – em um deslocamento de idas e vindas permanente que acaba por definir seu lirismo: “*Baudelairien, ce pas va boitant. À la façon de l’albatros, il claudique dans l’ici-bas. Mais loin de s’immobiliser, il poursuit dans la ville son chemin. Il prend du transitoire son parti; il en fait sa poétique*” (MAULPOIX, 2000, p.89).

Dessa forma, Jean-Michel Maulpoix recupera em seus ensaios alguns aspectos fundamentais da Modernidade nas obras de Charles Baudelaire, e a partir de sua releitura encontra elementos que servem de apoio para a criação de sua concepção do lirismo crítico contemporâneo. Nesse processo, constata-se que a

poesia contemporânea parte do diálogo com a Modernidade para formular uma vertente poética que tentar traduzir o contexto social e cultural do final do século XX e início do século XXI.

MILANEZE, E. The critical lyricism and the re-reading in the essays of Jean-Michel Maulpoix on the work of Charles Baudelaire. **Itinerários**, Araraquara, n.37, p.189-201, Jul./Dez., 2013.

■ **ABSTRACT:** *In the context of contemporary French poetry, critical lyricism starts in the end of the 20th century as a reaction to the experimental tendencies of the vanguard of the 60s and 70s, reintroducing the subjective expression allied to critical questioning. Considered the great defender of this poetic tendency in France, the poet Jean-Michel Maulpoix constructs along his various essays a reflection about lyricism, including its genesis, passing through modernity, and the present day, as a way to discuss the characteristics and the process of formation of the critical lyricism. The analysis of some essays by Maulpoix such as Du lyrisme (2000) and Pour um lyrisme critique (2009), among others, shows that critical lyricism tends to find the basis for its constitution in modern poetry, particularly in the work of Charles Baudelaire. The aim of this article is to trace the relationship that critical lyricism establishes with the modern poetry of Charles Baudelaire, taking into consideration the analysis made by Jean-Michel Maulpoix in his critical essays concerned with some aspects of the work of the modern poet.*

■ **KEYWORDS:** *Poetry. Lyricism. French literature. Contemporary literature. Modern poetry. Jean-Michel Maulpoix. Charles Baudelaire.*

## Referências

BAUDELAIRE, C. **Fusées; Mon coeur mis à nu; La Belgique déshabillée.** Paris: Gallimard, 1986.

\_\_\_\_\_. **Les fleurs du mal.** Paris: GF Flammarion, 1991a.

\_\_\_\_\_. **O pintor da vida moderna.** São Paulo: Ática, 1991b. p. 102-19.

\_\_\_\_\_. O pintor da vida moderna. In: CHIAMPI, I. (Org.) **Fundadores da Modernidade.** São Paulo: Ática, 1991c.

\_\_\_\_\_. **Petits poèmes en prose (Spleen de Paris).** Paris: Pocket, 1998.

\_\_\_\_\_. **Charles Baudelaire. Salon de 1859.** Collections Litteratura.com. Disponível em: <<http://baudelaire.litteratura.com>>. Acesso em: 20 out. 2012.

MAULPOIX, J. M. **La voix d'Orphée.** Paris: José Corti, 1989.

\_\_\_\_\_. **La poésie comme l'amour.** Paris: Mercure de France, 1998.

\_\_\_\_\_. **Du lyrisme.** Paris: José Corti, 2000.

\_\_\_\_\_. **Chutes de pluie fine.** Paris: Mercure de France, 2002a.

\_\_\_\_\_. **Le poète perplexe.** Paris: José Corti, 2002b.

\_\_\_\_\_. **Pas sur la neige.** Paris: Mercure de France, 2004.

\_\_\_\_\_. **Adieu au poème.** Paris: José Corti, 2005a.

\_\_\_\_\_. **Histoire du bleu suivi de L'instinct de ciel.** Paris: Gallimard, 2005b.

\_\_\_\_\_. Entretien avec Jean-Michel Maulpoix. [avril. 2006]. Entrevistador: L. Liban. **L'Express**, Paris, 27 avril 2006.

\_\_\_\_\_. **Pour un lyrisme critique.** Paris: José Corti, 2009.

\_\_\_\_\_. **Pourquoi aimez-vous Jean-Michel Maulpoix « Les fleurs du mal » de Charles Baudelaire?** Paris, 2012. Disponível em: <<http://www.dailymotion.com/video/xr39rg-jean-michel-maulpoix-pourquoi-aimez-vous-les-fleurs-du-mal-de-baudelairecreation>>. Acesso em: 15 nov. 2012.

RÉDA, J. **Ruines de Paris.** Paris: Gallimard, 1977.

Recebido em 01/12/2012

Aceito para publicação em 24/07/3013



